

Os Anarquistas e a guerra

Resposta á "Acción Libertária,"

As definições objectivas

Acción Libertaria começa o seu segundo artigo (número de 20 de Agosto) por afirmar que a sua opinião se tem fortalecido com a leitura dos argumentos dos «intransigentes» (assim nos chama ella, com aspas e tudo). E' também o que nos sucede a nós, lendo os escritos dos intervencionistas, que são a nossa leitura quase exclusiva, sem falar no ambiente aliadofilo que nos cerca, constituído pela imprensa e pela opinião fabricada por ella.

Mas *Acción Libertaria* escolhe péssimamente a occasião para apresentar esse impressionante argumento, pois que o faz a propósito dum equívoco seu.

Dissemos que, na definição da palavra *guerrista*, tínhamos seguido um critério objectivo, que julgávamos o mais seguro para, numa discussão, se entenderem os arguentes; dissemos que, pelo menos, tivéramos a intenção de dar áquella palavra um conteúdo puramente objectivo, sem nenhum intuito ofensivo ou malévolo.

E que entendeu *Acción Libertaria*? Que estávamos a defender uma espécie de filosofia objectivista, que considerava apenas o facto material em si, desprezando intuitos e explicações? E demonstra-nos longamente, e bem inutilmente, que o que sobre tudo importa é a «elaboração subjectiva», é a intenção, é a explicação interpretativa.

Perfeitamente. Mas nós não tratávamos senão duma definição, achando que a palavra referida podia ser aceita por todos no seu sentido objectivo, desde que este era possível. Tratámos de «definir os termos», como ordena a velha regra; e pareciam-nos que o melhor modo de dar aos termos uma significação precisa, evitando os quiproquós e discussões confusas, era seguir, podendo ser, um critério objectivo e restringir o mais possível o significado dos vocabúlos. Se cada um mete nas palavras os seus conceitos subjectivos, todas as suas deduções e consequências lógicas, ninguém se entende e tudo se embaralha numa babel inextricável.

Os anarquistas lutaram muito tempo para que ao termo *socialismo* se desse o significado de regime cuja base económica é a propriedade comum ou colectiva do solo e de todos os meios de produção e cuja base moral é a solidariedade em vez da luta, no seio da espécie, — independentemente dos métodos de acção e de organização politica, embora para os anarquistas fôsse firme convicção que o socialismo não pode viver sem a anarquia, nem triunfar sem os métodos anarquistas, e que os anarquistas é que são os verdadeiros socialistas. Mas os socialistas democráticos teimaram em dar á palavra um conteúdo politico, conforme á sua opinião particular de que o socialismo é compatível com a democracia e com os meios de acção democráticos; e como eram mais numerosos e muito mais ricos em meios de propaganda, a palavra tem já em geral uma significação que nós não podemos aceitar, presta-se a mil equívocos e confusões, chega ás vezes a não conter socialismo algum, e a maior parte dos nossos camaradas já abandonaram definitivamente a qualificação de «socialistas», para adoptar apenas a de «comunistas», que por sua vez vai perdendo o sentido restricto que possuía.

Acción Libertaria proporcionou-nos outro exemplo, perguntando-nos por que razão, em face dum facto, individual ou colectivo, realizado por anarquistas contra a ordem social vigente, acudíamos a explicar que não se tratava dum crime vulgar nem vulgares criminosos, como esbravejavam os nossos inimigos.

Porquê? Simplesmente porque se tratava, não de definir um termo, mas de discutir o fundo da questão. Simplesmente porque, nas palavras «crime» e «cri-

minosos», os insultadores e o vulgo em geral incluíam todas as suas opiniões particularistas e todos os seus preconceitos morais. Mas se de definições se tratasse e se todos aceitassem aqueles termos no sentido puramente objectivo que lhes dá A. Hamon no seu livro *Determinismo e Responsabilidade* — «crime é qualquer acto que lesa a liberdade (possibilidade de agir) de outrem» — excluindo qualquer idea moral ou preocupação sectária, excluindo até a distincção entre actos defensivos e ofensivos, então não teríamos dúvida em qualificar de crime o acto e de criminoso o autor.

Empregando a palavra «guerristas», tivemos sómente em vista o facto material que ninguém pode deixar de reconhecer. «Sim (escreve *Acción Libertaria*), é indubitável que, objectivamente, *intervencionistas*, *guerristas* (nós dissemos *guerristas*) são os libertários que pelem na contenda europeia». Por isso, quando o jornal de Gijón nos pede que provemos a terem-se os intervencionistas em favor (ou, se assim preferir, ao lado) do bloco de Estados, o seu pedido não tem sentido nem cabimento, e só se explica pelo equívoco em que assenta a sua argumentação: julgou que discutíamos o fundo da questão, quando definíamos um termo.

Se todos aceitassem tal definição, nós diríamos, por exemplo: «Os guerristas cometem um grande erro, imaginando favorecer assim a revolução futura, defender as liberdades presentes e contribuir para o esmagamento do militarismo e do imperialismo». E dariamos as nossas razões subjectivas. Do seu lado, os intervencionistas diriam: «Nós somos guerristas por entendermos que neste momento, dada a impossibilidade da revolução contra a guerra, ajudar os Aliados a vencerem o imperialismo germânico é o meio mais pratico e eficaz de combater o militarismo, evitar novas guerras e preparar o terreno para a revolução». E dariam a seu turno razões subjectivas, explicações, intuitos.

Esperamos que desta vez tenhamos sabido explicar-nos e passamos a discutir, embora sumariamente, o fundo da questão, ao menos sob certos aspectos, — o que, aliás, já fizemos incidentalmente no artigo que motivou a réplica de *Acción Libertaria* e no anterior a este.

Notas Singelas

Casamentos por anúncio

E já agora, que a Vida não é mais de que uma comédia faceta e irrisória, despregam-se gajos de certa e impeccável reputação a disputar, por anúncio, um casamento *honesto*, com mulher digna e com fortuna... igual, pelo menos á dos honrados e circunspectos anunciantes.

O caso considerado em si reflecte tim somente o estado decadente em que a sociedade capitalista tem torvamente chafurada, ao mesmo tempo que nos mostra, pela feuda dejectoria das vilanias humanas, a suprema degradação dum carácter, a última canalhice dum tarado.

Pois quê?! — é possível que criaturas honestas — segundo o conceito burguês — que respeitam as velhas idéas dum conservantismo tradicional, as *transcendentes* teorias da virtude simbolizada na flor de laranjeira, desçam os degraus lamacentos e lodosos da ignominia, e venham por jornal — como Vitor Hugo se enganou! — em procura de noiva digna e respeitável — fôssespeitável em formosura, em probidade e em *masculinidade*, com quem possam unir-se pelos sacratissimos laços do hímeneu? Poderão porventura, os cabedais dos anunciantes identificar-se com a probidade da pretendida noiva e vice-versa?

E são estes burões de sopitos sentimentos, que traficam com o mais nobre, o mais alto de todos

os ideais — o Amôr, que, por excesso de estupidez e de maldade, de ignorância e de sandice, pretendem amesquinhar, com a baba purulenta da sua esjecução, o Amôr Livre que nós preconizamos numa sociedade igualitária e justa! São estas aventesmas, coroadas e desnaturadas, que se aterram com a livre união de dois seres, idealizados por um sentimento de afinidade íntima, de simpatia profunda e indissolúvel?

Cema havemos, nós, os *impudicos*, de, sob o ponto de vista moral, classificar o acto dessa gentilha, e ainda mais, as prováveis e inevitáveis consequências duma união feita *à lá diable*? Alem do impudor que o acto representa, ha a ponderar na estabilidade que um *casório*, feito em tais condições pôde ter. Podíamos citar exemplos demonstrativos, para provar o quanto ha de falso e de nefasto nessas ligações em que só o interesse predomina de mistura com a mais requintada hipocrisia; patenteamos, com concretos factos, toda a infernal tragédia dos lares onde não existe Amôr. Mas basta. Deixemos que a sociedade burguesa a si mesmo se demoralise; que todo o existente se desmorone e se afogue no precipicio que ella mesma cava. E depois, façamos nós a sociedade livre e fecunda que tantos enzuinhos causa ás misérrimas personagens deste imenso e fadorento chiqueiro, mostrando-lhes assim o valor das nossas teorias e a inferioridade infamante das suas vis acções.

Cafunés de força dupla, eis o que precisam os chulos casamenteiros. Arrimem-lhes.

J. SALGADO

Notas Rubras

Uma greve de mineiros

A recente greve dos mineiros de S. Pedro da Cova, — terminada com vitória para os grevistas, — foi uma das mais justas e simpáticas lutas proletárias que se tem dado.

Poucas são as classes que arrastam uma vida mais dolorosa.

Por um salário diminutissimo, os inditosos mineiros permanecem largas horas, ininterruptamente, nesses profundissimos e negros buracos que têm o nome de minas, arrancando, numa faina exaustiva e perigosa, uteis e valiosos minerais.

Ainda bem que despertou da letargia em que se encontrava essa legião de martirizados trabalhadores e mostrou um pouco de revolta contra o seu torturante viver, magistralmente descrito por Zola no seu belo *Germinal*.

Era já tempo desses escravizados obreiros erguerem a sua voz para reclamarem uma parte dos muitos direitos que lhes pertencem. E o triunfo que obtiveram no seu ultimo e soberbo movimento reivindicador ha-de, com certeza, dar-lhes alento para futuras conquistas de regalias morais e materiais.

Em volta da sua nascente associação de classe eles deverão agrupar-se, unidos e corajosos, visto que o sindicato é o baluarte dos operários para a defesa do seu bem estar.

Que existam sempre entre eles, como ha pouco, os laços inquebrantaveis da solidariedade e um constante espirito de reivindicação, para conseguirem um pouco de felicidade, é o que eu desejo ardentemente.

C. RODRIGUES.

A'S ARMAS, VALENTES!

Duma correspondência de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*:

— Em varios pontos da cidade appaream hoje letreiros feitos, uns a tinta vermelha, outros a tinta preta, alusivos á nossa attitude na guerra, dizendo uns, nas paredes do ministerio da marinha: «Não vão para a guerra!» Outros, no muro da Rua do Carmo: «Viva a guerra, abate os traidores!» Alguns letreiros tem já sido apagados.

Se calhar, os letreiros apagados são os pacifistas...

Ha um meio facil de conciliar uns e outros: os valentes partem, e os outros ficam. E assim ficam todos satisfeitos, pelo menos até morrer...

A greve dos Mineiros de S. Pedro da Cova

Terminou esta greve, com vitória para os operários. Não foi uma vitória completa, pois não conseguiram em absoluto tudo quanto reclamaram, e que ainda era menos do que o que noticiámos no último número por termos sido mal informados.

Os mineiros reclamavam: a readmissão dos operários despedidos por motivo da Associação; o pagamento das férias aos sábados; a uniformidade dos salários dos operários que trabalham no fundo das minas, tendo por base o salário máximo de 45 centavos; que fosse comprida a lei dos accidentes de trabalho e que não houvesse vinganças sobre nenhum dos operários.

Quanto ás tres últimas reclamações foram integralmente satisfeitas, pelo menos na promessa. Mas quanto á forma de pagamento ficou assente que nos sábados que não fossem fins de quinzena possesam os operários receber todo ou parte do salário que tivessem ganho.

Os operários despedidos seriam readmitidos, mas teriam que sujeitar-se ao castigo de 8 dias de suspensão; ou não seriam suspensos, no caso de se sujeitarem a trabalhar fóra das minas, o que equivalia a trabalharem 12 horas em cada dia e com o salário de 24 ou 26 centavos. Os operários preferiram ficar suspensos, resolvendo a Associação fazer-lhes as férias.

Com a greve e por imposição dos grevistas foi readmitido ao serviço da Empresa das minas, o nosso camarada J. M. Arques, a primeira vítima por causa da Associação. Não foi, porém, para o mesmo serviço nem para o local onde existem as minas, mas para outro serviço em local mais distanciado, afim, é claro, de não conviver com o restante pessoal, nem estar próximo da sede da Associação.

Devemos dizer desde já que esta solução não agradou a todo o pessoal em greve, como não podia deixar de acontecer, pois vê-se que a vitória não foi isenta de vexame, por parte da Empresa para com o pessoal.

Esta solução tem porém, sua justificação, pois foi o resultado da pouca ou nenhuma experiencia dos grevistas, como os factos vão demonstrar.

Logo que o administrador de Gondomar, traçozeira e arbitrariamente mandou encarcerar os tres membros que faziam parte duma comissão que aquella autoridade requisitou para conferenciar e que eram justamente os que haviam sido despedidos, os grevistas resolveram vir ao Porto na sua totalidade protestar junto do Governador Civil e da imprensa diária e reclamar a sua libertação. O Governador Civil aproveitou o ensejo para uma mediação e no dia seguinte reclama uma comissão de grevistas e chama os proprietários das minas para aquelle effeito.

Uma vez reunidos, praguejou se a comissão levava plenos poderes para resolver o assunto, e com maneiras habilidosas convenceu a comissão operária a que pro-

cedesse como se os tivessem. Esta, sem pratica de luta operária (quantas vezes acontece o mesmo nos praticos...) e confiando demastadamente na sinceridade da autoridade, mandatária da burguesia, assim fez.

Ignoramos se já se arrependeu; mas quer nos parecer que virá a arrepender-se e nos futuros movimentos, as comissões que forem nomeadas para conferenciar com as autoridades ou mesmo com os patrões, sejam quais forem os accordos a que cheguem, não os firmarão sem que primeiro aqueles que sejam interessados e que as nomeiam sejam previamente ouvidos, para se vêr se estão ou não de accordo. Isto para evitar *comedelas* mais ou menos ardilosas por parte dos patrões ou seus representantes, que são todas as autoridades.

Já a intervenção do Governador Civil foi um erro; mas como o homem só aprende á custa dos proprios erros, as futuras lutas dos mineiros lhes demonstrarão que só devem tratar os assuntos que lhes digam respeito com os proprios patrões, sem interpostas pessoas.

Masmo assim não se pode dizer que não obtivessem vitória, visto que demonstraram que não continuam a ser impuneamente que se abusa duma classe.

A Associação ficou de pé e mais vigorosa ainda, pois uma grande parte do pessoal que antes da greve não estava filiada, está agora a inscrever-se e não levará muito tempo que ella de todo se associe.

Os mineiros tem de resto, muita coisa a fazer ainda: carecem de mais salário e precisam reduzir as horas de trabalho, como precisam igualmente de impôr á Empresa maior segurança nos escompartamentos dentro das minas, maior hygiene, etc.

E' uma coisa que precisam desde já fazer é regularisar a hora de pagamento ao sábado para evitar que as mulheres e crianças, como aconteceu no sábado último, só possam retirar-se para suas casas, que são para muitos distantes, ás 10 e 11 horas da noite, tendo que atravessar as serras. Isto é uma grande deshumanidade.

No domingo passado effectuou a Associação dos Mineiros uma sessão soléna para festejar a sua instalação e que foi ao mesmo tempo de rigosijo pela victoria alcançada. A sessão realisou-se ao ar livre, pois a sede da Associação não comportava o grande número de pessoas que á sessão acorreram.

No meio de grande entusiasmo fizeram uso da palavra os camaradas José Manoel Arques, Costa Carvalho, Norberto T. de Carvalho e M. J. de Souza. A sessão foi abrilhantada por um grupo de músicos da *Troupe «Flor d'Azévedo»*, que no fim da sessão tocou a Internacional e o himno Libertário acompanhado em coro por alguns dos assistentes.

Foi uma sessão que deve deixar perduraveis recordações aos mineiros, não só pela propaganda feita como pelo entusiasmo que sempre reinou.

O chantage russo

Em meados de 1914, a propósito da Lei dos tres anos de serviço militar, *La Bataille Syndicaliste* voltava a tratar do «chantage russo». Assim, em 7 de Junho, com esta epigrafe e a de «O urso carrega o sobrolho», escrevia ella:

«Após seis dias de crise ministerial e no proprio instante em que ella parecia resolvida, o malogro do sr. Viviani veio repór tudo em questão.

Como se vai ver, é a questão militar, a lei dos tres anos, que embarcou o país numa aventura desastrosa e pôs os politicos numa situação inextricavel que é a causa desse malogro.

Procurou-se um desvio. Ante o protesto do país violentado há um ano; os tresanistas julgaram possível manter a sua obra graças a uma fórmula equívoca. O sr. Viviani prestou-se complacientemente a esse jogo, mas para todos é manifesto que a responsabilidade remonta mais alto e que o arbitrio imparcial dos partidos», o sr. Poincaré, inspirou e apoiou essa manobra.

Para impor ainda ao país um encargo esmagador que elle rejeita, recorreu-se mesmo a outros meios, aos grandes meios.

Há varios dias que se assiste a um

verdadeiro *Chantage*. Viu-se, apesar dum debil desmentido, generalissimo fazer menção de lançar a sua espada na balança.

Mas isto nada é ao lado de outro escândalo; a intervenção da Rússia. Há quatro dias, os jornais officiosos de S. Petersburgo, tendo á sua frente a *Novoié Vremia* dos financeiros e reaccionarios, fazem campanha pela manutenção da lei dos tres anos e dão a entender, o mais claramente possível, que o tsarismo fez da manutenção desta lei uma condição da alliança.

Já no primeiro dia da crise o sr. Delcassé emprendia uma campanha pessoal nesse terreno.

E finalmente, ontem (o facto não foi ainda desmentido), o embaixador da França em S. Petersburgo, o sr. Paléologue, parece ter voltado a França expressamente para significar ao sr. Viviani que recusaria tornar para o seu lugar, se se vibrasse o menor golpe aos tres anos, em virtude do estado de espirito que reina nos meios governamentais russos.

Se o sr. Paléologue fez realmente esse recado do tsar, é o cúmulo! Mas já é demais que a imprensa russa inspirada pretenda gerir as questões interiores da França.

Esse *chantage* com a alliança, que é certo, mostra a que ponto a França chamada republicana, descuita, sob as botas da tsarismo. A Dúplice, que era uma vergonha, transforma-se para este país numa abdicção indecente.